

P.—Porque ?

A.—(Sem saber dar a explicação).

P.—Si um decimo custa 300 reis, $2/10$ custarão mais, ou menos ?

A.—Mais.

P.—Quantas vezes mais ?

A.—Duas vezes mais.

P.—E tres decimos ?

A.—Trez vezes mais.

P.—E dez decimos ?

A.—Dez vezes mais.

P.—Ou $\$300 \times 10 = 3\000 (fazendo a indicação no quadro).

No dia seguinte, para reforçar os conhecimentos dados, o professor mandará que classifiquem os outros pedaços de laranja da mesma folha da lição, deixando que os alumnos, por si mesmos, descubram o nome que deverão dar a este o aquelle pedaço. Deverá o professor apenas guiar a observação e o raciocinio de seus alumnos.

Em seguida, fará applicação do que ensinou em problemas oraes, mais ou menos como os que se seguem:—Um quarto de queijo custa \$700 réis. Qual será o preço do queijo inteiro ?

Um quinto de bolo foi vendido por \$300; por quanto foi vendido todo o bolo?

Paulo vendeu $2/3$ de uma maçã por \$800. Qual foi o preço da maçã toda ?

Quanto deverá ter custado um pão de Lót, si $3/9$ foram comprados por \$300 ? $3/4$ de um metro de fita custaram 1\$200; qual será o preço de um metro de fita da mesma qualidade ? Com estes, muitos outros poderão ser dados, conseguindo o professor que seus alumnos aprendam a raciocinar e se desenvolvam no circulo mental sobre multiplicações, divisão e multiplicação combinada, conforme exige o programma do Ensino. O professor que não tiver ainda collecção de quadros para o ensino intuitivo de leitura e arithmetica poderá dar a mesma lição, lançando mão de uma folha de papel, ou de uma fructa que lhe facilite a explicação.

(Ext. da *Revista do Ensino*, de Bello Horizonte).

Professoras de 1926

No dia 2 de Março, no predio onde funciona a Escola Normal, teve lugar a entrega dos diplomas ás novas professoras que findaram no anno passado o seu curso nesse estabelecimento. A cerimonia foi empolgante, e, embora modesta, teve grande realce, tendo a imprensa local noticiado esse acontecimento com as seguintes palavras :

A solemnidade da entrega dos diplomas ás alumnas - mestras que completaram o curso em 1926 foi um bello acontecimento de sociedade.

O parque do edificio da escola encheu-se de familias e cavalheiros da nossa sociedade.

Precisamente ás 19 e meia horas entrou s. exa. o sr. governador Costa Rego, acompanhado de seu ajudante de ordens, capitão Salustiano de Andrade, sendo aberta a sessão.

S. exa. fazendo a chamada das alumnas, a cada uma fez entrega do diploma, dando em seguida a palavra ao sr. dr. Santos Ferraz, paronympho da turma, que proferiu o eloquente discurso que damos abaixo.

Falou depois a oradora escolhida pelas collegas, professora Flora Ferraz, prendendo a attenção do auditorio durante 25 minutos, numa vibrante e entusiastica oração, muito applaudida pela assistencia.

Teve inicio, após, a parte recreativa, sendo levada a scena o sainete "Na terra de Jéca". No desempenho desta peça, escripta para a festa pelo dr. Adalberto Marroquim, teve o destaque, já esperado da sua intelligencia e da sua graça, a joven Celeste de Pereira, a mais esperançosa organização artistica revelada em nosso meio, que com

inexcedível brilho cantou com arte uma canção napolitana.

Destacaram-se também a graciosa Umbertina Fazio, a espiritosa Enecila Sampaio, Bernardeth Jucá e Alayde Graça.

Na opereta escolar "As Primaveras", as jovens Edith Amaral, Flora Ferraz, Carmelita Jucá, Amphrisia Paes, René Aboab, foram-se com brilho e espirito.

As alumnas - mestras, terminada a festa, acompanharam o seu paranymphe e oradora, até sua residência, onde a família Santos Ferraz offereceu significativa recepção.

Servida uma taça de *champagne*, Flora Ferraz saudou o exmo. sr. Costa Rego, ali presente, que agradeceu, levantando uma saudação ás professoras de 1926, ao director da Instrucção Publica e ao paranymphe.

Seguiram-se danças, sendo a todos dispensadas captivantes gentilezas.

As bandas do 20.º de Caçadores e da Força Publica abrilhantaram a festa.

São as seguintes as professoras de 1926: d. d. Amphrisia Paes de Souza, Alba de Mesquita Cavalcante, Alice Salles do Nascimento, Arlinda Sampaio dos Santos, Edith Amaral de Athayde, Eurydice Freitas, Flora Malta Ferraz, Helena Amorim de Barros, Maria Stella B. de Nazareth, Joannita Fazio, Maria Orismida Torres, Janyra Conde, Maria Yvonne Torres, Maria do Natividade Lemos, Maria Carmelita Jucá, Maria da Conceição Maciel, Maria de Lourdes Cavalcante e Nathercia Mello.

Eis os dois magnificos discursos que foram pronunciados pelo Dr. Santos Ferraz, Director do Lyceu Alagoano

e paranymphe das novas educadoras e pela professora Flora Ferraz :

Exm.º Snr. Governador do Estado.
Incansavel Senhor Dr. Director Geral da Instrucção Publica e da Escola Normal.

Meus presados collegas.

Meus senhores.

Exmas. Senhoras.

Minhas queridas paranympheadas.

Vós, que hoje recebeis vossos diplomas, deveis volver os olhos para o passado antes de alongal-os pelo futuro, nesta hora de tanto fulgôr para a vossa mocidade !

Esta hora pertence primeiramente á despedida, e é justo que as alegrias, as esperanças e os sonhos, que sem duvida vos tumultuam no cerebro, cedam logar ás recordações e ás saudades desta casa, onde tão serena, tão prospera e tão risuinha, bem o sei, vos correu parte da idade juvenil !

E' um grande bem para a vida, quando ella tem a ventura de alvarecer num horizonte tão amplo e tão bello qual o que vós aqui viestes achar !

No meio de nossos estabelecimentos educativos, podeis crêr, não encontrareis melhor instituto para dirigir vosso entendimento e para formar vosso character.

E' uma casa de trabalho esta que ides deixar !

Tal impressão certamente vos ficará gravada no espirito.

Este hymno ao trabalho, cantado aqui num esforço constante, methodico e auspicioso, ha de acompanhar-vos na vida; vós o entoareis sempre, qualquer que seja a vossa posição social.

O trabalho fez prosperar esta Escola.

E' isto um novo ensinamento, um novo estímulo para vós: estaes na alvorada da existencia e amanhã podereis attingir o zenith de vossas aspirações ! Olhae que o passado, nesta casa, vos aponta o entusiasmo pelo progresso, obreiros do qual cumpre-vos ser durante a vida.

Nesta hora da despedida, parece-me vêr rutilar em vosso espirito o exemplo da probidade, que aqui vos acompanhou; tratae carinhosamente della como a prenda mais mimosa e mais gentil que nesta casa recebestes !

Prezae e servi a instrucção; ella foi vossa fiel e perseverante companheira nesta Escola; é ella que faz grande, feliz e admirado um paiz; e ainda ella que implanta a verdadeira democracia, fazendo vicejar a justiça e a liberdade !

Vêde-a fulgurante, lá na Dinamarca e na pequenina Suissa, irradiando para o mundo torrentes de luz; vêde-a, atravez da historia da humanidade, na sua forma genuina, que é a educação popular, seculos e seculos despresada, apezar do ensino publico do meigo pregador da moral christã; vêde-a, a escola do povo, que resurge do bafejo da Reforma e da Renascença, e com o seu pharol triumphante, por entre mil tropeços, vem rasgando e varando as trevas, abrindo caminho para a civilização, que hoje tanto nos deslumbra com os seus inventos assombrosos !

Não deixeis por forma alguma perder-se o precioso cabedal de saber que vossos labores conquistaram ; conservae sempre vívida a predilecção pelo estudo e pela leitura, animaes com o vosso apreço e com a vossa palavra a missão do professor.

Minhas prezadas alumnas:

Ser professor é dedicar-se inteiramente a instrucção, é querer como o seu proprio o progresso dos alumnos, é prezar sua profissão e reconhecer a primasia della, é dilatar sempre os seus conhecimentos, é fazer da vida um exemplo constante de virtudes civicas e moraes.

Despretencioso e benevolo, não deve o professor aspirar aos mimos fascinantes da popularidade, e menos ainda ás luctas infructiferas do partidarismo; liberal e tolerante, a elle cumpre acolher e diffundir as conquistas da civilização, sem todavia melindrar as idéas e crenças contrarias; criterioso e perspicaz, elle tem de ser cuidadoso em suas palavras, elle ha de ser prompto no entender e ás vezes no calar.

Si o professor se consagra menos á instrucção do que a outros trabalhos, é que elle não está na altura de sua missão; se elle deixa de esforçar-se pelo adiantamento dos alumnos, não comprehende as graves responsabilidades, que dahi lhe advêm; se por ventura desde nha sua nobre profissão, podeis duvidar da cultura do seu espirito e da elevação dos seus sentimentos ; si não procura adquirir mais conhecimentos, certo é que vegetará na triste mediocridade; si sua vida não reflecte os ensinamentos de moral e de civismo, então é o professor um indigno na sociedade.

Desde o cathedratico de uma universidade até o mestre de uma escola primaria, é em geral o professor quem mais inflúe, por meio de seus discipulos, na vida nacional.

Entregae aos reaccionarios as escolas de vossa terra, e vereis que dentro em breve ella retrocederá

mais ou menos aos tempos coloniaes; si puzerdes, porém, o ensino a cargo de espiritos liberaes e patrioticos, em pouco tempo vossa terra avançará no caminho do progresso.

E' pois, o magisterio, cheio de responsabilidades pelo futuro da patria: ao professor, que não souber pesar tão grandes responsabilidades, antes resignar o seu cargo do que concorrer para a decadencia de sua terra.

Esse que é o professor primario, faz, em o nosso paiz, o trabalho fundamental da educação; sob sua influencia, a creança, qual uma planta, tem de florir no horto da escola, e é dessa florescencia que parte a fructificação no cultivo social.

Essa creança, ninguem sabe, pôde ser uma planta surprehendente, uma orchidea inestimavel, o germen de um sabio, de um santo ou de um benemerito.

Esforçae - vos paranympadas, por honrar vossa profissão. amae esse trabalho modesto, porém sublime, da educação nacional, que assim deixareis de vossa vida fructos opulentos para a familia, para a sociedade e para a patria.

Eu sinto que vos estou cançando.

Por um effeito de miragem, talvez, divisastes em mim, vosso professor de Cosmographia, a belleza da movimentação dos astros que eu vos expliquei durante o anno, e então me suppuzestes capaz de aformosentar a vossa festa com trechos primorosos, verdadeiras flôres brilhantes como o scintillar das estrelas !

Não é minha a culpa de vossa illusão: o olhar da mocidade vê tudo côr de ouro e côr de rosa !

E nem eu era capaz de illudir-vos, eu que tanto vos estimo, que tanta confiança tenho no vosso coração generoso e no vosso bello porvir !

E agora, jovens educadoras, ao deixar a tribuna, eu vos repito as palavras de fé que ouvi do meu mestre e amigo Dr. Gondim Filho, na Faculdade de Direito do Recife :

“Honrae o vosso diploma pelo culto das letras e o culto do caracter.

Do amôr ás instituições e da coragem civica, incompativel com a dubiedade e a transigencia, depende a prosperidade da Republica”.

Exmos. Senhores. Amadas Collegas

O dia de hoje, queridas collegas, é um dos mais felizes e mais saudosos da nossa vida.

Feliz, porque vemos coroados de exito os nossos esforços, porque nos achamos promptas para encetar a nossa gloriosa missão de educadoras, porque, emfim, vamos trabalhar pelo progresso de nossa adorada Patria, pelo engrandecimento de nossa querida Alagôas. Saudoso, porque é tambem neste dia feliz, que abandonamos o lugar querido, que por espaço de 4 annos, foi o nosso segundo lar, asylo seguro contra as maldades do mundo, onde tanta e tantas horas passamos despreocupadas e contentes, sob a protecção carinhosa dos nossos queridos mestres.

Foi ainda neste lugar sagrado que tem o nome singelo de “Escola Normal” que recebemos os ensinamentos precisos e completos para o fim a que nos dedicamos, que instruímos o nosso intellecto e aprendemos com os beneficos e meigos conselhos dos nossos presados Directores, mestres e inspectoras, á enfrentar os maiores revezes da vida, com a mesma honestidade e

altivez, daquelles que assim nos ensinaram a vencer.

Vamos, entretanto, deixar para sempre este querido estabelecimento de ensino, que nos deu além da instrucção um meio para viver.

E, se o vamos deixar abandonado das nossas presenças, não o deixemos absolutamente abandonado dos nossos corações, dos nossos ternos affectos. Fomos alumnas desta casa de ensino.

Aqui encontramos em nossos mestres e directores os exemplos edificantes de como bem ensinar e bem viver.

Aqui encontramos em nossos mestres e olhar das nossas estimadas inspectoras, os momentos mais felizes da nossa existencia.

E' bem verdade, que tambem aqui, passamos por alguns aborrecimentos, que devido á nossa pouca idade, ao nosso pouco pensar, chegamos algumas vezes a eleva-los á categoria de "desgostos", os quaes devemos esquecer e perdoar para sempre, reunindo os nossos esforços para honrarmos

a nobre missão de educadoras, para honrarmos o magisterio publico de Alagôas.

Antes, porém, de atravessarmos os humbraes desta Escola, para correremos em busca das creanças analphabetas afim de as alphabetisar, deixemos que os nossos labios exprimam o que sentimos em nossos ternos corações.

Assim sendo, aos nossos mestres, inspectoras e directores, principalmente ao Exm.^o Snr. Dr. Adalberto Marroquim, a nossa eterna gratidão e o nosso sincero affecto.

E, agora, minhas collegas, que já não temos o doce amparo de nossos mestres, esforcemos-nos para com os ensinamentos e conselhos que elles nos deram, trabalharmos com o sorriso nos labios, com a delicadeza propria do nosso sexo, para o exterminio do analphabetismo, da ignorancia, afim de que depois, coroadas com os louros da victoria, possamos dizer bem alto: "Em Alagôas não ha uma só pessôa que não saiba lêr".

Antologia escolar

(Colligida por Danusia Brandão.)

PASSARO VIAJANTE

Pelo infinito errante,
Sem norte, sem roteiro
Que buscas, pobre passaro viajeiro ?

A terra está distante,
E o manto nebuloso
A noite estende pelo ar saudoso.

Que queres ? não deixaste
Teu ninho á ribanceira ?
Que buscas, pois, pela azulada esteira ?

E vieste e cançaste...
 Mas segue o teu caminho
 E' sina tua vaguear sósinho !

Levas tantos pesares
 E vaes só, a chorar
 Ai ! Tambem vago longe do meu lar,

Errante pelos mares
 Sem norte, sem roteiro
 Como tu, pobre passaro viajero !

Castro Alves.

II

O NINHO NO TEMPLO

Vai á igreja, na espessura
 Da abobada os olhos fita,
 Sob o arco da pedra escura,
 Um ninho de aves palpita.

Nas cathedraes que se aprumam
 Mergulhando as torres no ar,
 E' que os passaros costumam
 O ninho timido armar.

Dos portaes nos musgos tecem
 O alvergue fôfo e pequeno
 E ao brando calor se aquecem
 Das azas do Nazareno.

Que luz, a voz que se eleva,
 Do ninho, em torno produz
 O templo é cheio de treva
 E o ninho é cheio de luz.

Nos nichos, mudos, sosinhos,
 Os santos de face austera
 Amam os doces visinhos
 Do beijo e da primavéra.

As virgens christãs serenas
 Inclnam-se com fervor
 Sobre esse ninho de pennas.
 — Colmeia do mel do amôr.

A tez dos santos radia
 Sob o crepe em que se escondem ;
 — Bom dia ! dizem—Bom dia !
 Cantando as aves respondem.

Cravam as torres nos céos —
 As cathedraes altas graves
 Porém o ninho das aves
 E' o edificio de Deus.

(*Victor Hugo*).

Trad. de *Raymundo Corrêa*.

III

AVES DA SAUDADE

O' peregrinas aves da saudade
 Trinai, trinai, em torno desses lares,
 Onde passei a minha mocidade
 Longe das maguas, longe dos pezares !

Voai por sobre os tremulos palmares
 Cheios da quente e loura alacridade
 Da luz cantante e fulgida que invade
 O campo, a serra, o matagal e os mares ?

Dentro em meu peito revivei a magua,
 Emquanto os olhos volvo, rasos dagua,
 Para os dias passados, tão risonhos...

Trinai, em bandos, pelos arvoredos,
 Em cujos ramos dormem meus segredos
 E cantam meus desejos e meus sonhos !

Sabino Baptista.

IV

A GARÇA EXILADA

De azas cortadas, sobre um tarso erguida,
A nivea garça, triste como um pária,
Contemplativa, immovel, solitaria,
Sonhar parece numa extincta vida.

Como um rei exilado—entorpecida,
Revê talvez a patria imaginaria,
— Indifferente á alegre, á mundanaria
Turba que passa na afanosa lida

Junto do lago, assim, os dias leva,
E á noite, quando em luminosas maguas
A lua envolve a terra e ao céu se eleva.

Geme a garça ao luar fróuxo e dormente,
E mais e mais alonga-se nas aguas
A sua imagem branca e transparente.

Wescenlau de Queiroz.

V

O ROUXINOL DO CALVARIO

Na noite que passou
O Christo no Calvario
Um rouxinol cantou
Sobre a cruz, solitario.

Os trigueiros soldados
E os lirios de Salém
Perguntavam pasmados :
Que voz canta tão bem ?

Como sentindo os males
De suas proprias penas,
Vergavam-se nos calices
Chorando as açuenas.

Choravam os caminhos,
Os dados, os cilícios,
A grinalda de espinhos
E a esponja dos supplicios.

Choravam os sem luz
E os rijos peitos bravos.
Começavam na cruz
A vacillar os cravos.

Pelo tranquillo espaço
Paravam as estrellas,
E o vagaroso passo,
As mudas sentinellas.

Os peitos deshumanos
Resentiam mudanças.
Deixavam os Romanos
Escorregar as lanças.

Assim cantou... cantou
Lembrando o amôr, o céu
Quando Jesus morreu,
Do lenho emfim voou !...

Gomes Leal.

VI

A GARÇA

Recostada na tosca balaustrada
da antiga ponte erguida sobre o rio,
que entre a verdura alegre da esplanada
deslisa torvo, solitario e frio,

via ao longe alvejar o lusidio
vulto de garça alvissima, pousada
sobre o negror do pantano, sombrio,
— raio de luz em noite emborrascada.

A alva garça virginea, que faz pouso
junto á borda do rio tenebroso,
innocente e feliz, confiada e calma,

é a imagem de alguém, como ella pura,
— da idolatrada e santa creatura
que hoje pousa na noite de minh'alma.

Antonio Salles.

VII

A CEGONHA

Em solitaria, placida cegonha,
Immersa num scismar ignóto e vago,
Num fim de occaso, á beira azul de um lago
Sem tristeza, quem ha que os olhos ponha ?

Vendo-a, senhora, vossa mente sonha
Talvez, que o conde de um palacio mago,
Loura fada perversa, em trédo affago,
Mudou nessa pernalta erma e tristonha.

Mas, eu, que, em pról da Luz, do petreo, denso
Véo do Ser ou Não Ser. tento a escalada
Qual morosa, tenaz, paciente lesma;

Ao vel-a, assim, mirar-se n'agua penso
Ver a Duvida Humana debruçada
Sobre a angustia infinita de si mesma.

Annibal Theophilo.

VIII

CANARIOS

Os meus canarios quando sentem rindo
A aurora abrir a luminosa porta,
As azas d'oiro alegres sacudindo,
Fremem num hymno que os espaços corta.

E a voz das aves para o azul subindo
Entra-me n'alma, as dôres me conforta,
Porque esse canto tristemente lindo
Traz-me saudades de uma infancia morta !

Oh ! como é triste ouvir-vos, passarinhos,
Longe dos vossos perfumados ninhos,
E dos meus annos meigos e suaves. . . .

Ah ! quando vibra essa harmonia calma,
Oigo uma voz saudosa dentro d'alma. . .
. . . Cantae, cantae, minhas queridas aves !

Luiz Guimarães (filho).

IX

CANÇÃO DAS AVES

Bemditos sejam os ramos
De generosa belleza:
Nossa casa e nossa meza.
E dos filhos que criamos.

De manhã, mal acordamos,
Louvamos a natureza;
Em cantos tambem se reza;
Eis porque tanto cantamos !

Vamos depois, campos fóra,
Chamando a fonte que chora,
Refrescando a luz em braza.

Mas nada igual á alegria
De voltar ao fim do dia,
Ao seio da nossa casa.

Antonio Corrêa de Oliveira.

X

JURITY

Na minha terra no bolir do matto,
A jurity suspira,
São os meus cantos de secretas dôres
E como o arrulo dos gentis amores,
No chorar da lyra.

De tarde a pomba vem gemer sentida
A' beira do caminho;
— Talvez perdida na floresta ingente—
A triste geme nessa voz plangente
Saudades do seu ninho.

Sou como a pomba, e como as vozes della
E' triste o meu cantar;
— Flôr dos tropicos — cá na Europa fria
Eu definho, chorando noite e dia
Saudades do meu lar.

A jurity suspira sobre as folhas seccas
Seu canto de saudade.
Hymno de angustia, fervido lamento,
Um poema de amor e sentimento
Um grito d'orphanidade !

Depois... o caçador chega cantando,
A pomba faz o tiro...
A bala acerta e ella cahe de bruços,
E a voz lhe morre nos gentis soluços,
No final suspiro.

E como caçador, a morte em breve
Levar-me-ha comsigo;
E descuidado no sorrir da vida,
Frei sosinho, a voz desfallecida,
Dormir no meu jazigo.

E—morta—a pomba nunca mais suspira
A' beira do caminho
E como a jurity,—longe dos lares—
Nunca mais chorarei nos meus cantares
Saudades do meu ninho !

Casimiro de Abreu.

XI

MARTIM PESCADOR

Na foz do Manary,—a torrente bravia,
Que só de longe em longe o leito fundo sulca,
Em gemidos de dor e vozes de agonia,
Borbotando a raivar por entre a rocha hiulca,

Vae se erguendo o cascalho, a insula maninha,
Onde apenas reponta e arqueja o calumby;
Delle ás vezes um bando alado se avisinha,
No impeto febril do rapido nebri.

Aves tristes piando á hora dos occasos,
E plantas sem vigor roçando na corrente,
Entre seixos hostis, esborcinados, rasos,
Dos saurios o correr nas sarças lestamente;

Ondas que vêm morrer na pedregosa praia,
Sob a umbella do céo fulgidamente archromo,
Um matiz que, ao poente, ou se adensa ou desmaia.
Dá-nos, tudo a illusão de um levantino chromo,

E, nota mais gentil daquelle quadro lindo;
E, traço mais vivaz do chromo encantador,
Dá, na pesca febril, ou descendo ou subindo,
Certeiro e sem parar, o Martim pescador.

De olho fito a mirar a rutila piaba,
Agita a aza subtil e todo corpo esguio,
E, qual flecha veloz, de subito desaba,
A' cata de uma presa, aos meandros do rio.

Moreno Brandão.

XII

A PROCELLARIA

Mal do concavo céu forrado á côr de chumbo
Explode amplo e soturno um lugubre retumbo
E o Mar-féra enjaulada-em frente ao domador,
Quéda numa ancia muda e num mudo rancor,
Immovel, estendida ao longo das enseadas,
Já do seio talvez das nuvens adensadas
Em corymbos, exsurge e desce do rasgão
Que nos cumulos abre o raio, num trovão.
O genio do escarceu, a plumbea procellaria !
O oceano treme agora á grita tumultuaria
Do tormenta bravia ! A vergastada já
Lhe estala ao dorso azul que em arrepio ésta !
Com mais furia e mais força o latego do vento
Surge-lhe o flanco, e elle incha, e raiva truculento,
Recúa e pula, estronda e socava minaz
O arrecife que o prende, e, desvairado, faz,
Arrebentar-se o cáes que lhe marca o limite !
Ronco brama estouraz, não ha força que o evite,
Alaga tudo, inunda e cobre com o lençol
Da espuma alva em cachões duna, forte ou pharol,
E desenterra e mina, allúe, arromba e lasca !
A ave do excidio então, a filha da borrasca
Entre os abysmos vôa, e, pairando, triumphal,
De aza espalmada no ar, preside o temporal !
Agora, eil-a, já fende os elementos soltos,
Com a ponta da aza ameiga os vagalhões revoltos,
E pouisa num cachopo, a emergir nú do cháos,
—Throno, de onde ella assiste a destruição das náos!

J. M. Goulart de Andrade.

As grandes datas nacionaes

21 de Abril de 1792

Consaçado á commemoração dos precursores da
Independencia, resumidos em Tiradentes

(RODRIGO OCTAVIO)

Havia chegado ao Reino a não que Cabral enviára ao venturoso monarcha dando conta do feliz e casual successo da descoberta das *indias* do Sul, a que dera o nome de Vera-Cruz.

Essa medida, porém, pouca impressão causou no animo dos que governavam a poderosa metropole. Novas terras e dominios novos, havia-os já em abundancia, e não pequeno cuidado era preciso ja para manter o imperio dentro dos vastos dominios de então.

Cabral havia sido mandado a fazer tratados, e conseguir allianças, e trnsportar riquezas; não entrou no plano das instruções que recebeu, o descobrimento de terras “já eram de mais as Véra-Cruzes e os nomes do repertorio escasseiavam já para denominar ilhas e cabos, portos e bahias, costas e continentes. Desejava-se outra coisa, fervião outras esperanças:—Bôa ventura ! Bôa ventura ! Muitos rubis ! Muitas esmeraldas !”

Assim, foi unicamente para não perder o dominio do facto casual da descoberta, que nesses tempos era como fonte de direitos, equiparado á occupação, que, com interesse secundario e sem um plano regular de colonisação, se pensou no povoamento de novas terras. Adoptou-se o *systema* feudal das grandes doacções territoriaes.

Com a familia e petrechos, investidos de soberanos poderes administrativos e judiciaes, para as novas capitancias partiram-se os donatarios felizes. O povoamento começou em pontos distantes, sem meios de communicação e solidariedade entre si. Os primeiros povoadores trazião no espirito somente o desejo do accumulo rapido e facil de thesouros, pouco se importando com o beneficio das terras que lhe foram doádas.

O aproveitamento gratuito dos incolas, quer dos conhecimentos que elles tinham da terra e de suas riquezas, quer da propria robustez para o trabalho manual, foi explorado na maior escála.

Entretanto, “a paz com o indigena do Paiz apenas durou, em quanto tambem durou a paciencia delle. Porque não houve commercio vil, barbaridade, extorsão e immoralidade, que os portuguezes não praticassem em todas as capitánias, com aquelles a quem chamavam selvagens, mas a quem, nesse ponto, excediam em selvagerias”.

Começaram então as lutas violentas e desiguaes entre os donatarios e os verdadeiros senhores do paiz, perturbados na sua posse tranquilla por uma legião invasora de brancos sequiosos de fortuna. Dessa luta proveio a difficuldade da effectiva posse do territorio. O paiz que aos colonos havia sido dado ás leguas, foi por elles conquistado, por assim dizer, aos palmos. Tribus foram exterminadas, outras internaram-se, abandonando o littoral, as tábas despovoadas; aquelles indigenas que se submeteram foram reduzidos ao captiveiro.

Começou então mais tranquillamente o saque e a exploração devastadora das riquezas naturaes das *indias* de Cabral.

A faina era incessante, e logo que o thesouro havia attingido ás proporções que satisfizessem a cubiça e ganancia dos primeiros colonos, punham-se elles de véla para o reino a gastar e desperdiçar na devassidão e carolice a fortuna que pouco lhes havia custado a amontoar. E’ tão pronunciado esse espirito dos primeiros *povoadores*, antes devastadores, que o sobrio Frei Vicente de Salvador, já em 1627, escrevia no capitulo 23 de sua *Historia do Brasil*, que esses povoadores “por mais arraigados que na terra estejam, e mais ricos que sejam, tudo pretendem levar a Portugal, e, si as fazendas e bens que possuem, tambem soubessem fallar, haviam de ensinar a dizer como aos papagaios, aos quaes a primeira cousa que ensinam, é :—*Papagaio real, para Portugal !*”

Esse pernicioso modo de proceder, sobre não promover com a criação regular de qualquer industria agricola, pastoril, ou extractiva, o crescimento e progresso das novas terras, incutia, no espirito dos nacionaes, o descuido pelo paiz e desprezo pelas cousas publicas. Assim que essa nefasta disposição de animo, observa ainda o nosso mais remoto historiador “não tem só os que de la vieram, mas ainda os que cá nasceram, que uns e outros uzam da terra, não como senhores, mas como uzufructuarios; só para a desfructarem e a deixarem destruida. Donde nasce, tambem que nenhum homem nesta terra é republico, nem zéla ou trata do bem commum, senão cada um do bem particular”.

Com tal systema de colonisação, não era muito esperar que nenhum fosse o desenvolvimento do novo territorio. A invasão dos francezes ao Sul e dos hollandezes ao Norte, veio entretanto obrigar á metropole a dispensar mais attenção aos seus dominios na America, mas assim mesmo, se já não havia o abandono do primeiro se-

culo, continuava a não presidir ao desenvolvimento do paiz, uma orientação segura e systematica do governo.

A administração da colonia, ora concentrada num só orgão, ora subdividida por mais de um governador, para de novo ser unificada, era anarchica, autoritaria e deprimente do caracter dos filhos da terra.

Assim, o vasto territorio da America Portugueza sem os cuidados que deveria merecer do governo da Metropole, era apenas uma vasta região, ainda despovoada, mas depredada já, quando subiu ao throno portuguez, D. João V. A necessidade, então, de estabelecer para o reino uma corrente regular de thesouros que fossem alimentar na velha metropole o luxo desregrado, a devassidão sem pudor, a carolice do Bragança dissoluto e beato, obrigou o governo a cuidar seriamente da colonia transatlantica, fonte exuberante e inexaurivel de todas as riquezas.

Com effeito, além dos impostos do *quinto* e do monopolio do páo-brazil, que rendião para o thesouro, annualmente, mais de um milhão e meio de cruzados, esta é a relação approximada das massas de metaes e pedras preciosas que D. João V recebeu do Brazil: 130 milhões de cruzados, 100.000 moedas de ouro, 315 marcos de prata, 24.500 marcos de ouro, 700 arrobas de ouro em pó, 392 oitavas de peso e mais de 40 milhões de cruzados de valôr em diamantes.

Foi então a colonia elevada a vice-reino em 1714.

Dahi parte, pode-se dizer, o inicio da formação do espirito brasileiro. Já ia havendo lutas e desigualdades, entre os brancos nascidos no Paiz e os que vinham do reino. As grandes guerras, a dominação hollandeza, o trabalho subterraneo dos jesuitas, que armavam o brasileiro contra o portuguez, foram formando nas camadas sociaes um certo espirito de nativismo, a que dava incremento o enorme vulto que ia tomando a exportação das riquezas brasileiras para a metropole, que em pagamento tão pouco cuidado despensava á nova terra. Foi então que explodiu a primeira revolução.

As vexações que o excesso do imposto acarretavam para o povo, a violencia com que o tratavam os delegados do rei, causaram grande excitação popular que, sobretudo na capitania de Minas Geraes, onde essas violencias eram mais intensas, irrompeu em motivos que perturbaram a tranquillidade do recente vice-rei. Em Villa Rica, esses motins se transformaram na rebellião que, por vontade dos chefes, teria radicalmente alterado os destinos da patria. Era governador de Minas, D. Pedro de Almeida, Conde de Assumar, que em fim de 1710 tomou providencias para por em execução determinações regias contra as quaes se sublevou o espirito publico. O momento pareceu azado,

a conspiração foi urdida, o plano da conspiração se estabeleceu. O chefe temporario da Republica seria Sebastião da Veiga Cabral, o commandante superior das forças brasileiras seria o marechal de campo Paschoal da Silva Guimarães, o mais eminente dos conspiradores; o Dr. Manoel Moreira Rosa seria o ouvidor, e chegou a tomar conta do cargo por imposição popular perfidamente sancionada pelo governador. Os demais conjurados de maior preponderancia em diversas villas e arraiaes da capitania, eram : Philippe dos Santos, Frei Vicente Botelho, Frei Francisco de Monte Alverne, João Ferreira Diniz, Manoel da Fonseca, Thomé Affonso, etc. Amadurecidos os planos, a revolta estalou. O povo em massa invadiu a casa do ouvidor Martinho Vieira, cujo espirito violento e arbitrario sobre todos conquistara a odiosidade popular. Graças á fuga providencial, o ouvidor conseguiu a vida, mas sua casa foi saqueada, seus autos e registros incendiados, suas *Ordenações do Reino* estrefegadas, e atiradas á rua.

Não parou ahi a revolta: o povo foi sitiar o governador, que se achava cercado pelos seus dragões, no palacio de Mariana, então villa do Carmo. Atemorisado, como confessou por carta, pela attitude do povo, e certo que indeferir-lhe as pretensões seria augmentar a agitação, o governador attendeu a todos os requerimentos, satisfez a todos os pedidos, obedeceu aos mais pequenos desejos que foram manifestados. Esse procedimento desequilibrou um tanto a attitude dos chefes, que contavam com a resistencia do conde para levar o movimento triumphante as suas derradeiras e ambicionadas consequencias. Vendo os seus intentos satisfeitos pela delegado do despota portuguez, a furia se attenuou, e o governador se aproveitando do momento oppportuno fez prender, no proprio palacio, Veiga Cabral, que foi acorrentado e preso incommunicavel, ao mesmo tempo que alguns dragões fizeram de surpresa algumas prisões. Vendo-se trahido e ludibriado, o povo reaccendeu a furia revolucionaria, que não teve, porém, por falta de um chefe que a dirigisse, força de reagir efficazmente contra o inesperado procedimento do conde governador. Philippe dos Santos, o mais destemido dos revolucionarios, a cujo audacia se devia a victoria alcançada, achava-se fóra de Villa Rica, preparando nos arraiaes visinhos mais um contingente patriotico para o golpe decisivo; os demais conjurados capazes de dirigir o povo conjurado, achavam-se presos e acorrentados ao fundo de ergastulos sombrios.

O povo nada mais pode fazer que saquear as casas, depredar os campos, atear o incendio.

Mas as forças da tyrania restabeleceram a submissão, e

o conde de Assumar, entrou victorioso nos arraiaes desmantelados do inimigo.

Estava suffocada a primeira explosão em pról da liberdade da patria; era cedo de mais; estavam ainda reservados para o Brazil tempos mais horrorosos sob o dominio do jugo estrangeiro.

Dominada a rebellião, restabelecida a tranquillidade, o governador mandou os presos para o Rio de Janeiro, de onde alguns seguiram para o reino, sendo que de nenhum delles se teve mais noticia, a não ser de Paschoal, que se soube haver fallecido em Lisbôa. O governador, porém, não poudé se furtar ao desejo de fazer, elle mesmo, *justiça* a alguns destes tão famigerados criminosos. Foi escolhido Philippe dos Santos, o *mais diabolico dos homens*, segundo expressão do proprio conde. Seu julgamento foi summario, e a pena capital a que o condemnaram, não tardou muito a ser executado.

Na tarde de 16 de Julho de 1720, ante enorme concurrencia popular que chorava pelo seu heróe em momento tão extraordinario, foi o primeiro martyr da independencia nacional, atado vivo a cauda de quatro animaes bravios e arrastado pelas ruas accidentadas de Villa Rica.

Consummado o supplicio, foi o seu corpo dilacerado esquartejado e atirado em pedaços ás aves de rapina... E a tyrania então repousou.

Com a morte de D. João V, terminando o reinado dos monsenhores da Patriarchal, e das freiras de Olivellas, o reino deixou de ser o que fôra tanto tempo, "uma confraria de sachristães". Ao principe caróla succedeu o Marquez de Pombal, que, em nome do pseudo-rei D. José I, governou Portugal e fomentou o progresso do Brazil. A criação das companhias de commercio do Grão-Pará e do Maranhão, a definitiva libertação dos indios, concorreram grandemente paa o desenvolvimento progressivo e regular da colonia, e apparecimento natural do espirito de nacionalidade.

Terminando, porém, o reinado do austéro Marquez cujo governo seria somente digno de louvores, se não fosse os rios de sangue que fez correr pensando afogar a devassidão e jesuitismo, com D. Maria I enthronou-se a reacção clerical, e as vexações para a colonia, recommçaram e recrudesceram. Mas o impulso estava dado e a colonia desenvolvia-se. Contra esse desenvolvimento viéram as leis tyranicas e as instituições oppressoras, para matar na raiz os primeiros elementos de seiva e virilidade. Apezar da completa falta de cultura em que a metropole deixara mergulhada a colonia, cujos filhos tanto valor haviam denotado no campo de batalha, enxotando do terri-

torio os invasores ousados, as manufacturas progrediam, academias de letras se fundavam, mantinha-se uma typographia. Mas, a *mãe-patria* não via com bons olhos esse progressivo desenvolvimento. Foi prohibida a manufactura do ouro e da prata, as academias foram dissolvidas, a imprensa se fechou. Anteriormente já havia sido vedado no Brazil as obras de J. J. Rousseau, Voltaire, Spinoza, Hobbes, Bayie, La Fontaine, “abominaveis produções de incredulidade de homens tão temerarios e soberbos que se denominavam *espiritos fortes*, e se attribuiam o especioso titulo de *philosophos*” e nos quaes exacto e diligente exame encontrou “—uma doutrina impia, falsa, temeraria, blasphema, heretica, scismatica e sediciosa, offensiva da paz e socego publico e só propria a estabelecer os deploraveis erros do atheismo e do materialismo, e introduzir a relaxação dos costumes, a tolerar o vicio e a fazer perder toda a idéa da virtude.”

Alguns dos livros fulminados pela censura regia, e nos quaes—a impiedade, a depravação e o escandalo,—eram maiores, foram apprehendidos e mesmo queimados, em Lisbôa, na praça publica, pelo executor da Alta Justiça.

A despeito de todo rigorismo e maior vigilancia, esses livros tiveram entrada no Brazil, e a doutrina dos philosophos reformadores do seculo XVIII trabalhava o espirito alevantado dos patrioticos, cuja imaginação tinha sido exaltada com o exemplo brilhantissimo das colonias inglezas da America do Norte, que haviam, decididas, sacudido o jugo da metropole, e com as noticias que iam chegando dos recentes progressos das idéas liberaes da França. Essas correntes de opinião levaram directamente os espiritos superiores ao pensamento da emancipação politica. Foi na alma da mocidade brasileira que cursava as universidades de Coimbra e Montpellier, que primeiro irrompeu a idéa dessa emancipação. Um dos rapazes, o mais destimido, José Joaquim de Maia, entreteve com o glorioso Jefferson, então embaixador da União Americana na côrte de Luiz XVI, negociações para obter da recente e já poderosa republica, auxilio e protecção para a patriotica tentativa. Desse punhado de estudantes, Domingos Vidal Barbosa, conseguiu chegar á Minas, onde sabia que já se lavrava o fermento revolucionario; sua chegada combinou com a de outro illustre moço, que na Inglaterra havia conquistado o raro diploma de doutor em sciencias naturaes, José Alves Maciel.

Com elles logo se entendeu o alferes de cavallaria, José Joaquim da Silva Xavier—o Tiradentes—que pela altivez e independencia de character, era a encarnação da idéa revolucionaria. Outros havia de mais conceito e autoridade pelo seus talen-

tos, cultura e posição social; taes o coronel Ignacio José de Alvarenga Peixoto, os tenentes coroneis Domingos de Abreu Vieira, e Francisco de Paula Freire de Andrade, os Drs. Claudio Manoel da Costa e Thomaz Antonio Gonzaga, ouvidor da comarca de Villa Rica, os padres Carlos Corrêa de Tolêdo e José da Silva Rolim, uma pleiade de poetas cujos versos atravessarão os seculos, sempre novos, pelo suave lyrismo que os anima, um punhado de patriotas, cujos nomes serão sempre respeitados pela arrojada iniciativa da nossa independencia de que elles foram percursores. Era então governador o Visconde de Barbacena, e Vice Rei do Brazil, Luiz de Vasconcellos, cujo governo estava prestes a terminar após uma serie de crueldades e de desmandos, que opprimiam e suffocavam as iniciativas de progresso e as expansões de liberdade que despontavam no espirito brasileiro. A semente revolucionaria propagava-se em todas as camadas sociaes; estabeleceram-se francamente as bases da conjuração. As circumstancias do momento favoreceram a propaganda activa dos *inconfidentes*. Annunciava-se para breve a efectiva cobrança dos impostos do *quinto* do ouro, cuja importancia montava a setecentas arrobas. Esse imposto era o maior vexame que pesava sobre a população e a noticia da cobrança dos atrasados era recebida como verdadeira medida de affronta. O momento para arrebentar a revolução não podia ser mais opportuno do que esse em que si effectuava o *derrame*. Tudo estava combinado, e o estabelecimento da fórmula republicana, a abolição da escravidão, o symbolo da bandeira da nova patria, com o lemna — *libertas quæ sera tamen*, a expulsão do odioso Barbacena do territorio da republica...

Mas a confiança absoluta na causa que gerava a imprudencia dos mais fanaticos nos meios de propaganda e a bôa fé de todos na iniciação de alguns patricios no gremio da inconfidencia fizeram com que todos os planos de revolução chegassem ao conhecimento do governador, e quando Tiradentes achava-se no Rio de Janeiro dando as derradeiras providencias para o exito feliz da revolução brasileira, foi surprehendido na casa em que se achava, na rua dos Latoeiros (hoje rua Gonçalves Dias) com a intimação da ordem de prisão expedida pelo vice-rei, em nome da Rainha, a muito catholica senhora D. Maria I.

Igual sorte tiveram todos os conspiradores e todos os suspeitos de conspiração. Foram feitas prisões em numero consideravel, e a noticia do hediondo crime sem igual, foi transmitida a beata-Senhora que se sentava no throno do reino glorioso outr'ora e então desmantellado e desmoralisado pelo governo dos Braganças.

Toda essa desgraça e o mais que se seguiu, para nossa pátria e os nossos patricios, eram obra do delator infame—Joaquim Silverio dos Reis.

Tendo conhecimento da conspiração, Silverio procurou insinuar-se na intimidade dos seus eminentes chefes, para melhor conseguir os funestos intuitos que lhe queimavam a alma, para mais completamente realizar o primeiro movimento que se delineara em seu vil espirito de reprobato ao ter noticia da projectada revolução:—dar, de tudo, sciencia ao Governador da Capitania... A ingenuidade e simpleza dos conspiradores, deram ingresso no gremio das reuniões patrioticas ao patricio degenerado, sobre cujo character pesavam feias suspeitas. Este, logo que soube quanto desejava, começou a informar de tudo o que se passava, ao Visconde de Barbacena, que foi precavidamente tomando as necessarias medidas para flagrante e completa dominação do movimento libertador.

Consummada a traição e cumprida a sentença “fortemente capacitado do relevante serviço que fez á S. M. considerou-se digno de Sua Real presença, ainda mais para conseguir tão grande honra do que para supplicar á mesma Senhora, o premio que por esta acção elle podesse merecer de sua Real e Inimitavel Grandeza” e de perto auxiliado pelo Vice-Rei, Conde de Rezende, que foi “movido pelo desejo de concorrer para a felicidade de um vassallo tão util ao Estado” partiu para Lisbôa, onde foi cercado do maior prestigio e cumulado das maiores honrarias. Em attenção aos “distinctos e relevantes serviços que com exemplar lealdade e fidelidade prestou á Patria e á Religião, nos Estados do Brazil, S. M. por Dec. de 4 de Outubro de 1794, foi servida,—como principio de remuneração—fazer-lhe mercê do habito da Ordem de Christo, com 200\$000 de tença, pagos effectivamente.

Além disso, por Dec. de 13 de Outubro do mesmo anno, a mesma senhora,—em continuação do premio—mandou levantar-lhe o sequestro feito aos seus fiadores, e entregar-lhe todos os seus bens que se achavam sequestrados por dividas, no valor de..... 167.553\$770.

Finalmente, por Dec. Real de 20 de Dezembro do mesmo anno, foi Silverio—por quitação do muito que lhe devia o nome e a honra portugueza—declarado digno de Real estimação, honrado com o titulo de fidalgo da Casa Real, com fôro e moradia, fazendo-lhe mercê da Thesouraria-mór da Bulla de Minas, de Goyaz e do Rio de Janeiro. Por essa occasião, Silverio accrescentou ao seu — illustre — nome, o appellido de Montenegro. Dom Joaquim Silverio dos Reis Montenegro...

Aos 20 de Outubro de 1794, havia o Principe real se dignado lançar, no peito de Silverio, o habito de Christo, por sua real

mão e, aos 24 de Fevereiro do anno seguinte, foi, tão zeloso e fidelissimo vassallo, armado cavalheiro na Real Capella de N. Senhora da Conceição pelos Exmos. Marquez Mordomo-Mór e Conde de Rezende, presidente do Conselho Ultramarino, que lhe serviram de padrinhos para darem testemunho publico do quanto presavam tão apurado fidalgo. Tal foi o premio dado pela Monarchia Portugueza, á miseravel traição de Silverio. Todas estas honras porém, não lhe deram na Patria a estima publica. Repudiado no Sul do Brazil, repudiado de todos como verdadeiro reprobato, refugiou-se no Pará, onde acabou miseravelmente, cercado do desprezo dos contemporaneos.

Feita a dilação, reprimida a revolta, presos os revolucionarios, em fins de 1790, installou-se no Rio de Janeiro a alçada que deveria tomar conhecimento do crime. No correr do processo, durante os seu termos inquisitoriaes, a conducta de Tiradentes foi sublime de abnegação. Chamava para si a maior parte da responsabilidade dos acontecimentos; fôra elle o chefe; fôra eile o instigador. o anjo máo dos demais.

Só a 18 de Abril de 1792 foi proferida sentença. Por ella onze seriam enforcados, muitos degredados para a Africa, alguns declarados innocentes. Entre os condemnados á morte, as penas ainda não seriam eguaes. *Tiradentes* seria enforcado e esquartejado, expondo-se ao ar, em postes, as partes do seu corpo, nos logares em que os inconfidentes haviam feito as reuniões criminosas.

Sua carne seria salgada, seu patrimonio confiscado, sua descendencia, que não tinha no entanto, declarada infame até a terceira geração. Os demais, condemnados á forca, soffreriam egualmente o confisco dos bens, a declaração da infamia para a descendencia, mas não seriam esquartejados — enforcados apenas...

Proferida a sentença, foi ella, entretanto modificada de accordo com a carta regia de 15 de Outubro de 1790. A beata rainha, que havia inaugurado a reacção contra o governo sanguinario do Marquez de Pombal, e que havia levado a cordura ao ponto de rehabilitar a memoria dos Tavoras e dos Aveiros, justicados por haverem tentado contra a vida de seu augusto pae, não podia permittir tanta carnificina, ensanguentando o seu reinado, como haviam determinado os desembargadores da alçada do Rio de Janeiro. Os réos de alta traição, por um rasgo de clemencia generosa, foram perdoados da morte, mas a altivez do rustico Tiradentes precisava de ser galardoada; a interpretação que os desembargadores deram á carta da Rainha, confirmou-lhe o martyrio e a

gloria: a sentença ia ser executada... A 21 de Abril subiu ao cada-falso.

A forca havia sido armada no vasto campo de S. Domingos, e para lá, com toda solemnidade da pragmatica das execuções, e ainda com toda a pompa militar, seguiu o cortejo.

Do alto do tablado, de onde estava o réo sublime exposto á curiosidade idiota da massa popular, ainda para augmentar-lhe o martyrio com a duração do supplicio, um franciscano qualquer, achou palavras para dirigir ao povo por minutos.

A ultima supplica de *Tiradentes*—que apressassem o momento fatal—era propositadamente desattendida por um requinte de perversidade.

Tendo entrado na cadeia o carrasco *Capitania*, para vestir a alva dos suppliciados ao intemerato brasileiro ás 8 horas da manhã, era quasi meio dia quando *Tiradentes* expirou.

O supplicio não podia ter sido mais barbaro.

Da enorme massa popular que havia attendido ao convite do Vice-rei para assistir ao desaggravo da realza e que se achava no lugar do supplicio transida de commoção, ao ver a fria calma imperturbavel do martyr patriota, ergueu-se um grito de horror no momento em que o corpo se balouçava no ar, prezo ao baraço esticado...

O rúfo dos tambôres marciaes e o vozear dos clarins, abafavam, porém, essa explosão espontanea da alma popular. Em seguida, ante o morto, enquanto os carrascos ultimavam a execução procedendo ao torpe esquartejamento do corpo ainda quente; Frei Raymundo de Penaforte, para aproveitar o scenario e para conforto do povo, dessertou sobre o seguinte trecho do *Ecclesiastes*: “Nem por pensamento traias ao teu Rei, porque as mesmas aves levarão a tua voz e manifestarão o teu juizo.” O altivo espirito de *Tiradentes* deveria ter mais de uma vez sorrido ás expressões e conceitos do frade: que importava, com effeito a indiscripção das aves quando a traição ao Rei, trouxesse para a Patria a liberdade, ainda mesmo que essa indiscripção o levasse á forca ?

A posteridade abençoá e proclama o nome glorioso e vida fecunda de ensinamentos do alferes Xavier — o *Tiradentes* — e, em todos os bons patriotas que, seguindo o seu exemplo proveitoso trabalharam pela liberdade da Patria, reconhece um dos seus descendentes, desses descendentes que o requinte da subserviencia e covardia dos magistrados, declarou infames e indignos da piedade dos posteros...